

# RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FÁRIA E SILVA

SEM ESTAMPILHA.  
Por uma serie ou 50 números.....1\$200 rs.  
Por 25 números.....600 rs.  
Folha avulso.....40 rs.

Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondência deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal.

COM ESTAMPILHA.  
Por uma serie ou 50 números.....1\$450 rs.  
Por 25 números.....725 rs.  
Folha avulso.....50 rs.

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS FEIRAS E SABBADOS.

1.<sup>a</sup> SERIE.

Sabbado 16 de Maio de 1863.

N.º 33.

GUIMARÃES 15 DE MAIO.

JESUS CHRISTO REAGINDO CONTRA O VIMARANENSE.

(Continuado do n.º 31).

«Perseguido e contrariado desde o seu nascimento o Christianismo, dissemos nós, vive e viverá cheio de esplendor e de força porque é essencialmente reaccionario, isto é, essencialmente anti-revolucionario, porque a palavra reaccção significa para nós opposição ao movimento revolucionario.»

E em consciencia, pareceu-nos que dissemos a verdade. No entanto o «Vimaranense» accudiu a mostrar que estavamos em erro e a *comprovar* a nossa ignorancia, por tal forma, e com tanta graça e desembaraço, que apesar da gravidade do objecto em questão não nos foi possível conter o riso.

Para nos mostrar que o Christianismo não é reaccionario o collega começa por abrir o dictionario do sr. Faria e por definir, segundo elle, a palavra reaccção no sentido physico — acção reciproca, repulsão de corpo que recebeu impressão de outro &c. E' uma definição curiosa pela propriedade

e conveniencia com que é trazida para a questão: — vem tanto a proposito como umas botas para a cabeça e umas luvas para os pés.

Por quem é, deixe lá os corpos no seu movimento de acção e de reaccção, e leve-se até a parte mais nobre do ser humano, até a região da consciencia e da idéa: passe da materia para o espirito, da ordem phisica para a ordem intellectual e moral. Ahi também ha reaccção, isto é, resistencia de uma idéa contra a acção d'uma outra idéa, resistencia da verdade contra a acção do erro, resistencia do bem contra a acção do mal.

Neste sentido, creia-nos o collega, o Christianismo ou é essencialmente reaccionario, ou não é Christianismo.

Mas o collega prosegue dizendo: «Se o Christianismo fosse, como dizeis, a reaccção e está a opposição á revolução, seguir-se-ia que o Christianismo era uma opposição a um direito natural dos povos porque a revolução é um direito que nenhum homem de senso otusou jámais contestar em certas e determinadas circumstancias.»

Aqui podiamos dizer ao articulista o

que já lhe disse o nosso illustre collega do «Bem Publico» no seu n.º 43, e tinhamos respondido. Todavia sempre accrescentaremos, para intelligencia dos que nos lêrem, que quando fallamos em *revolução* estamos longe de dar a esta palavra um sentido rigorosamente politico e de querer esquadrinhar *as certas e determinadas circumstancias* em que ella é um *direito natural dos povos*.

Pela nossa parte deixamos ao «Vimaranense» toda a gloria de suas theorias revolucionarias e todo o trabalho de examinar os casos em que a revolução se converte n'um direito natural dos povos, quando — que estes podem, por exemplo, alterar suas leis fundamentaes, depor os seus soberanos, mudar as formas de seus governos, passar da monarchia para a republica, da aristocracia para a democracia etc. etc. ou *vice versa*.

Quanto a nós, tomando a palavra revolução no seu sentido mais geral, definimo-la com Mr. de Segur: a *revolta erigida em principio e em direito*, isto é: «o principio da revolta vindo a ser a regra pratica e o fundamento das sociedades; a negação systematica da auctoridade, a theo-

ria da revolta, a apologia e o orgulho da revolta, a consagração legal do principio de toda a revolta.»

E depois, pondo de lado a parte politica que se comprehende n'esta definição, e considerando a revolução unicamente no seu ponto de vista religioso, diremos ainda com o mesmo sr. de Segur «a revolução é a negação da Igreja erigida em principio e formulada em direito; — é a negação legal do reino de J. C. sobre a terra, a destruição social da Igreja.»

E' n'este sentido, especialmente, que temos fallado da revolução, e foi também n'este sentido que dissimos que a palavra reaccção significava para nós opposição ao movimento revolucionario; e se o collega «Vimaranense» tiver a bondade de concordar connosco em cõdição os povos não têm o direito de se revoltar contra a Igreja, porque ninguém tem o direito de se revoltar contra Deus, ha de concordar igualmente em como a revolução, cujo fim principal é a extincção do Christianismo, e a *destruição social* da Igreja, não é heim-pode ser em circumstancia alguma um direito dos povos, aliás veremos o collega impugnar a existencia divina da Igreja, legi-

## FOLHETIM.

CONFÉRENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

SEGUNDA CONFERENCIA.

O MYSTERIO DA CREAÇÃO E A SCIENCIA DO MUNDO.

(Continuação).

Que! o ser, que do nada sae, para responder á palavra, que o chama, vem lá accrescentar-se á substancia da causa para a fazer crescer com todo o seu valor?! Esqueceis esta noção a mais elementar em metaphisica, a saber — todo o valor do effeito produzido subsiste na causa de um modo superior a ella e proporcionalmente á grandeza e ao poder da causa?! E não quereis vér, na propria luz dos principios, que sendo o poder creador, ou a causa primeira do mundo infinita, o ser de toda a creatura se acha no creador de um modo infinito e que por conseguinte toda a acção do infinito, dando á creatura a reali-

dade do ser, não pode crescer nem diminuir?

E não existirão na sociedade, no homem e em toda a criação reflexos d'este mysterio de Deus? Imaginai, snrs.!, uma auctoridade a mais plena e a mais absoluta possivel condensada n'um só homem personificando n'elle toda a auctoridade social de um grande povo.

Num bello dia apraz a esta auctoridade unica e soberana crear auctoridades subalternas, toda a jerarchia de ministros, de prefeitos e de funcionarios do Estado. Quem se atreverá a dizer que, depois de creadas estas auctoridades pela soberana auctoridade, a somma da auctoridade augmentou por esta livre communicacção? O artista, que lançou fóra de si os reflexos da sua alma e que creou innumerous primores de obra, cem ou mil, crêdes em verdade que por todas estas creações augmentou ou diminuiu na sua substancia? Acreditaes que todas as bellezas, que em suas obras resplandecem, constituem para elle raios novos que se ajuntam a essa flamma acceza em seu seio e que é o seu mesmo genio? E esta luz, snrs.!, que n'este momento parte de mim para chegar até vós, esta luz de uma alma, que se derrama na palavra para se communicar a quatro mil almas, augmenta por ventura alguma cou-

sa ao foco, d'onde deriva para se dar, para se espalhar e para se communicar?

Certamente, de myster é reconhecê-lo; isto são imagens, reflexos, sombras, se assim o quereis, da criação, mas estes exemplos ajudam-vos a comprehender que a communicacção do ser, que se faz pelo acto creador, não constitue nem o augmento do ser, nem o augmento do infinito.

Ah! eu digo e repito sem hesitar: ha no fundo d'este acto creador do mundo um mysterio e uma incomprehensibilidade, mysterio e incomprehensibilidade, que está na nossa impotencia de vér e de comprehender o infinito na sua natureza intima e na sua acção exterior. Mysterio! isto é verdade occulta, sim, profundamente occulta, no interior, mas clara no exterior illuminando o espirito humano com essa luz primitiva, sem a qual só existem trevas e o chãos no mundo scientifico, como as trevas e o chãos, que pesavam sobre o mundo material antes do *fiat lux*, que fizera apparecer a luz.

E com effeito, tira este mysterio collocado nos umbraes de toda a sciencia do mundo, e a luz se apaga; não ha mais sciencia do mundo. E, se os adversarios do mysterio christão aqui estivessem, eu lhes diria «rejeitaes a nossa solução do grande problema da existencia do mundo,

vamos vér a *tossa solução*, e d'esta vez culpire a nós atacar-vos, e a vós defender-vos, a nós interrogar-vos e a vós responder-nos.

II.

Snrs.!, dizer que a criação do mundo tirado do nada é coisa contradictória, absurda e impossivel, é muito facil aos discipulos da negação racionalista; mas é muito menos facil, rejeitando como insustentavel o dogma catholico, dar uma explicação, que a razão acceite, e que se justifique deante da sciencia do mundo, e da existencia das cousas.

Fóra dos dados do dogma catholico, o mundo creado do nada pelo poder livre de Deus, não se pode conceber senão nas seguintes tres hypotheses, que a sciencia racionalista tentara para dar uma *razão scientifica* da existencia do mundo.

Ou o mundo sem Deus, ou o mundo Deus, ou o mundo coeterno a Deus. Ora, cada uma d'estas hypotheses soffre o desmentido da razão humana, e todas tres se encontram n'um defeito, que lhes é commum e que é capital deante da sciencia: o mundo não explicado; a existencia das cousas sem uma solução *scientific*.

A primeira hypothese, que o espirito humano imaginara para explicar a existen-

timar a negação de todo o principio religioso e dar foros de cidade ao espirito do mal e a todas as monstruosidades do atheismo.

Existe porém esta revolução? perguntar-se-ha. Sim, ella é um facto que ninguém ousaria negar conscienciosamente, ainda mesmo quando ella se não tivesse manifestado abertamente, e declarado pela bocca de seus agentes: «Que tem um plano de ataque geral e organizado.

«Que para reinar quer corromper, e corromper systematicamente.

«Que esta corrupção é applicada principalmente á mocidade e ao clero.

«Que as suas armas favoritas são a calúnia e a mentira.

«Que a franc-maçonnaria é o seu noviciado preparatorio.

«Que procura afiliar os mesmos principes, não poupando meio algum para os seduzir.

«Finalmente, que o protestantismo é para ella um poderoso auxiliar.»

Em frente pois d'esta revolução, o Christianismo ou deixa de ser o que é, ou ha de oppor-se e reagir constantemente contra ella.

E se não, supponhamos por um momento que o Christianismo não reage contra o impulso da revolução e que por consequencia obedece a esse impulso e se deixa absolutamente conduzir por elle: A revolução exige em nome da emancipação e da liberdade da Italia que o Papa renuncie ao poder temporal e que abandone Roma para sempre, e o Papa renuncia ao seu poder temporal e abandona Roma para sempre; a revolução exige em nome da independencia, do progresso e da philosophia que o Papa renuncie ao seu poder espiritual e que não domine mais na consciencia dos povos, e o Papa renuncia ao seu poder espiritual e não domina mais na consciencia dos povos; a revolução exige a extincção do culto, e de toda a influencia religiosa da parte do clero, e o culto e a influencia religiosa do clero desaparece; a revolução exige em nome da razão avassalada e opprimida pelo dogma que não haja mais crença no dogma, e esta crença deixa de existir sem que se erga a voz de um Pontífice, de um padre ou de um christão qualquer para sustentá-la; a revolução exi-

ge a supressão das ordens religiosas, a abolição de ensino catholico, o desprezo pelas leis ecclesiasticas e todos os meios de vida e acção empregados pelo christianismo em favor do homem e das sociedades, e as ordens religiosas, e o ensino catholico, e as leis ecclesiasticas cedem ao movimento revolucionario, sem uma reclamação, sem um protesto, sem uma ligeira resistencia; — supponhamos isto por um pouco e imaginemos o que viria a ser o christianismo ou em que parte do mundo iriamos deparar com elle.

Seguramente elle deixaria de existir desde o momento em que deixasse de ser reaccionario ou de resistir ao movimento revolucionario, que val o mesmo.

Mas elle existe e existirá segundo a promessa infallivel de J. C. contra todas as conspirações e contra todas as revoluções sopradas pelo poder das trevas.

Entretanto o «Vimaranense» pretendet desmentirnos fingindo ignorar o sentido em que tomava-mos a palavra revolução, que para elle não é, como nós dissemos, um principio assentado e permanente de conspiração contra tudo aquillo que tem uma preeminencia e uma auctoridade, principalmente se é auctoridade religiosa, mas sim uma mudança qualquer nos destinos de uma nação, uma revolta, uma insurreição, um facto limitado e accidental que influe de alguma sorte na existencia politica e nas relações sociaes de qualquer povo; embrulhou a questão, espalhou sobre ella algumas nevoas, e o mais que fez foi obscurecel-a um pouco, deixando todavia em pé e no mesmo posto tudo a quillo que tinhamos affirmado.

«As revoluções uteis, diz o «Vimaranense, são aquellas que se operam manso e manso inoculando nos costumes a moralidade e nos espiritos a verdade.»

Descuberta maravilhosa!

Com estas revoluções desejamos nós ser revolucionarios e todo o mundo deve ser revolucionario. A maior e mais signalada revolução d'esta especie foi operada pelo evangelho, e ainda agora n'este momento em que estamos escrevendo, quantos espiritos tocados pela palavra evangelica se abrem á verdade e quantos corações á virtude! São outras tantas revoluções que se estão operando «manso e manso» e que

vão reagindo contra aquellas que inoculam nos costumes a immoralidade e nos espiritos o erro. Dá-se agora o caso em que o christianismo é successivamente reacção e revolução, e se o collega tivesse attentado n'isto, não encheria papel inutilmente, e só pelo desejo de contrariar o que temos dito. (Continúa.)

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Em sessão de 16 de Maio

(Continuação.)

E por ultimo só lhe faltava recorrer aos jesuitas.

Pensam que n'estas circumstancias o governo francez se prendeu com o panico que obstára até então ao reconhecimento d'essa associação?

Pensam que se curvou á intimação formal de certos espiritos, fortes para o mal e fracos para o bem, que, sincera ou fingidamente, julgam subvertida a ordem social, logo que se admite, ou mesmo tolera sotaina, ou o chapéo d'abas largas de um jesuita?

Pelo contrario. Logo que um verdadeiro interesse colonial lhe pediu e reclamou os auxilios poderosos d'essa corporação grandiosa, o governo francez quebrou todas as resistencias, deu de mão a todas as prevenções e prejuizos d'opinião, dirigiu-se aos jesuitas, e tratou com elles.

E qual foi o resultado?

Resultou que os jesuitas, tomaram conta d'essa missão, e mandaram immediatamente para essas plagas ardentes, e inhospitas, os dez padres, que o governo lhes pediu.

Não só 10 mas 15, teem já succumbido, victimas do clima, das febres e das epidemias.

E todavia, as vacaturas teem sido promptamente preenchidas, e o quadro da missão tem-se mantido sempre completo, sem difficuldade, nem esforço.

E o estabelecimento tem prosperado: e os degradados, ahi residentes, teem cons-

tantemente achado na religião, na instrução, e na inimitavel dedicação d'esses religiosos, auxilio e conforto, exemplar e valioso.

Talvez..... quem sabe?... Talvez que no proprio momento, em que o sr. Ferrer apresentava e lia n'esta casa o seu voto de descabellada reprovação a toda a associação religiosa; algum d'esses deportados politicos eslivesse devendo a vida do corpo ou do espirito a um d'esses religiosos!

Sr. presidente. Ouvi lábent e com magoa, o orador que me precedeu, arguir os religiosos de falta de amor de patria.

E em prova contou-nos s. ex. que perguntando ainda ha pouco a uma irmã de caridade franceza de que paiz era; ella respondera que não tinha patria.

Sinto ver-me obrigado a dizer a s. ex. que pela censura, que fez, mostrou não ter comprehendido a nobre e elevada significação d'essa resposta.

A irmã de caridade, sr. presidente; não tem patria porque o amor da patria anda n'ella sujeito e como que absorvido pelo amor de Deus.

Levada por esse amor divino á Criméa, a Athenas, a toda a parte onde se implora os seus socorros: presta-os ahi do mesmo modo, e sem distincção, nem preferença, ao francez, ao italiano, ao inglez, ao turco, ao russo, e ao grego.

E nesse sentido que a irmã de caridade diz, e com toda a nobresa, e com toda a innocência religiosa do seu espirito, que não tem patria.

A sua patria é todo aquelle paiz onde houver desgraçados a socorrer.

A sua patria é todo o hospital, toda a casa de enfermos, todo o asylo de miseraveis, todo o territorio infeccionado de peste.

Soccorre a todos sem distincção de nacionalidade; e o que mais é, sem distincção fidesmo de Religião; e se os não socorre pelo amor da patria, socorre-os pelo amor de Deus, que é tanto dos francezes, como nosso, e de quem somos todos egualmente filhos.

Pensam que a patria perde com isso? Enganant-se

Digam-me: Quando os missionarios francezes foram para a missão da China, comtintar a tarefa que lá começamos, e que abandonamos por falta de missionarios, pa-

cia do mundo e das cousas, é a hypothese do mundo sem Deus: é a solução do atheismo.

Esta hypothese, apesar de tão grosseira, apparece ahi periodicamente no longo e doloroso trabalho do espirito humano, nas épocas de grande perturbação intellectual. Em vão, a humanidade pelos seus mais nobres instinctos, a calca aos pés nos abyssos do seu desprezo, e, olhando para o céu, a esmaga debaixo de montanhas de escarneo; tem-se visto reaparecer na superficie, e, o erro atheu, vem collocar deante dos instinctos vis do homem, a sua asquerosa figura.

Esta hypothese olha para traz, em torno e para deante de si, e sabeis o que vê n'este mundo, que contempla? Vê os elementos da materia removendo-se n'um movimento sem causa atravez de uma noite sem fundo; e os athomos impellidos por uma força cega, encontrando-se, misturando-se e unindo-se emfim para formar este todo, esta ordem, esta belleza, que no universo descobrimos.

Testimunha ironica e mofando de todos os esforços tentados por todas as religiões e por todas as philosophias espiritualistas para achar uma solução do mundo sem uma intelligencia e uma vontade creadora, solução, que racionalmente aceitar-se pos-

sa, a hypothese atheista sorri estupidamente e diz, apontando para a materia, que se move na noite, «de que serve cavar o mundo e sondal-o em todos os sentidos para lhe achar uma causa distincta d'elle? Em vão o interrogaes para procurar no seu fundo, ou além das suas fronteiras, o mysterio de um infinito coexistente consigo mesmo. Inuteis esforços. O mundo existe, e com elle ou afóra elle nada ha. O infinito é o fantasma da vossa imaginação, é a sombra do vosso pensamento reflectindo sobre a materia, e não o comprehendeis mais do que esta sombra, que vos foge.

A direita e á esquerda, de alto abaixo, por toda a parte, o finito, ainda o finito, sempre o finito. Debaxo de vossos pés um grão de areia, depois outro e depois outro; sobre as vossas cabeças um sol outro sol e ainda soes! Mas um Deus, isto é—o infinito vivo, pessoal, intelligente, auctor e creador do mundo; chimera do pensamento, espelho do coração, espectro da consciencia!?

No mundo não busqueis um Deus, nem o mundo em Deus. O mundo existe por si e sem outra causa senão elle».

Eis, snrs.!, a solução do atheismo e do materialismo: o mundo sem Deus. E será isto uma solução e uma solução scien-

tifica? ou antes, não é o desespero da sciencia proclamando logo no começo, sobre a maior questão, que pode haver, a importancia de saber? Conhecer o mundo supõe antes de tudo estas tres cousas, conhecer a sua origem, a sua natureza e seu fim.

A solução christã vos satisfaz n'estes tres pontos; ella vos diz: o mundo é um concerto dos corpos e dos espiritos creados pelo poder divino para a maxima manifestação das perfeições do Creador, isto é—para a maior gloria de Deus, *ad majorem Dei gloriam*. Mas vós, discipulos da sciencia athéa, sobreestes tres pontos decisivos o que respondeis á intelligencia, que vos interroga?... Nada, absolutamente nada; a vossa sciencia é a sciencia do nada.

D'onde vem o mundo, vos pergunta o pensamento que encontrára debaixo de suas vistas?

A vossa sciencia responde: o mundo não vem de nenhures, existe porque existe. Não tem origem, só tem existencia. Ha uma continuidade de factos, não ha um facto primeiro. Uma cadeia de anneis, que se prendem e se desentofam, mas não ha anel primeiro. Ha effectos e causas, mas não ha causa primeira. Ha seres finitos, que vêm depois de outros seres finitos; succedem-se, tocam-se, seguem-se uns apoz

outros; não existe o infinito para os explicar a todos.

D'esta sorte para a primeira questão da sciencia do mundo não ha resposta, nem mesmo pode haver-a. E a esta outra questão, que a intelligencia, bom ou mau grado seu, encontra na outra extremidade das cousas: para onde vai o mundo, qual o seu destino? Que resposta dá a sciencia athéa? Nenhuma. Qual o destino do mundo? Mas, perante a sciencia materialista, esta questão não pode mesmo suscitarse. Se no começo não ha uma intelligencia, para que ha-de haver no fim um fim? Se não ha uma razão, que explique a origem, para que haver uma razão que explique o destino?

E o que é destino senão o fim fixado pelo ser intelligente á obra, que de suas mãos sahira?

Ora, na sciencia athéa, não ha intelligencia na origem. Para que pois um fim, um alvo, um destino? O mundo não tem termo, nem tão pouco um fim. Existe para si, como existe por si. E a noite dos seus dois pontos extremos, aonde a luz se deve collocar para o esclarecer plenamente.

(Continúa.)

ra quem conquistaram elles a influencia? Para o geral dos lazarisistas? Não. Conquistaram-na para a França.

Quando S. Francisco Xavier peregrinou pela India, pregando a palavra de Deus, convertendo infieis, e fazendo maiores, e mais seguras conquistas em um dia, de que milhares de soldados fariam em um anno — para quem eram essas conquistas? Para o geral dos jesuitas? Eram e foram todas para Portugal.

Pois então se o trabalho pelo amor de Deus é igualmente proficuo á Religião e á patria: se é a elle que deveis a maior parte das nossas conquistas, e glorias passadas, não o calunnieis; não o injurieis; que a calúnia e a injuria n'esta parte são dobrada injustiça e ingratião.

Se das missões passo, sr. presidente, aos institutos de caridade, não são menores os motivos, que tenho, para condemnar ambos os projectos.

A historia da revolução franceza dá-nos a tal respeito uma lição valiosa.

Um dos primeiros actos d'essa revolução foi a prohibição das ordens religiosas: a lei porem de 19 de fevereiro de 1789, que contém essa prohibição, exceptuou de ella, as casas religiosas encarregadas da educação e dos estabelecimentos de caridade.

Mais tarde estas mesmas foram supprimidas pela lei de 18 de Agosto de 1792: mas ainda assim ordenou-se que as corporações dedicadas ao serviço dos pobres, e dos doentes continuassem nesse serviço com carater individual.

Assim continuaram effectivamente por algum tempo; mas, pouco a pouco, os indivíduos, que restaram, d'essas corporações, foram-se dispersando, e desaparecendo; e o serviço passou a outras mãos.

O resultado foi que dentro em pouco as reclamações começaram a surgir de todos os lados; e a propria revolução teve de retroceder, restabelecendo, em 1801, as irmas da caridade.

Eu peço licença para ler os fundamentos do relatório, que precedeu esse decreto, redigido pelo ministro do interior Chaptal, que de certo foi um grande reacção no seu tempo.

Diz elle: «Considerando que as leis, que supprimiram as corporações, conservaram aos membros dos estabelecimentos de caridade a faculdade de continuarem no exercicio de seus actos de beneficencia; e que foi em menoscabo dessas leis, que taes disturbios foram completamente desorganizados;

«Considerando que os soccorros necessarios aos doentes não podem ser assiduamente administrados, senão por pessoas votadas pelo seu proprio estado ao serviço dos hospicios, e dirigidas pelo entusiasmo da caridade;

«Considerando que entre todos os hospicios da república, são administrados com maior cuidado, intelligencia e economia, aquelles que chamaram ao seu seio as antigas discipulas desta instituição sublime, cujo fim unico era dispor-se para a pratica de todos os actos de uma caridade sem limites!

«Considerando que os cuidados e virtudes necessarias para o serviço dos pobres devem ser inspirados pelo exemplo, e ensinados pelas lições de uma pratica diaria;

Decreta-se etc.

(Continúa).

ANNUNCIO

Depois de estar no prelo a quarta pagina foi-nos enviado o seguinte:

A junta de parochia da freguezia d'Aldão

tem para dar a juro da lei a quantia de 110\$000 rs. Quem quizer tomar a referida quantia dirija-se ao reverendo parochico ou a Jeronimo de Carvalho e Oliveira da Granja. (59)

LISBOA 12 DE MAIO

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR)

Está resolvida a crise ministerial. Depois da derrota que o governo soffreu na camara hereditaria, houve consistorio magno no pato do Toural, e no fim de uma acalorada discussão concordaram que a familia dos honestos não devia largar o poder sem completar a nossa regeneração politica e economica, e deliberaram que o sr. capitão Mendes continuasse a desenhau navs e fragatas, a pintar almirantes, a arranjar esquadras de reserva, e a cooperar com a sua intelligencia para engrandecer a nossa marinha e salvar as colonias!

De acordo com o seu collega da guerra deverá instar com o parlamento, que sancione o projecto de lei, que deve regular o serviço do exercito no Ultramar, podendo deportar para as plagas inhospitas da Africa os officiaes e soldados do exercito portuguez com apparencia de honrosa expedição!

O sr. Avila lobo, vulgo, o pulga industriosa, como já lhe chamam o «Portuguez» realisarã novos e sempre ruinosos empréstimos na baixa dos fundos, onerando annualmente o thesouro com centenares de contos de reis; sommará e multiplicará algarismos até chegar a uma conta, que he decrepitude lhe possa proporcionar todas as comodidades da vida; aposentará empregados contra lei, nomeará para empregos rendosos os deputado, que lhe forem desafeiçoados á sua politica, augmentará os impostos; arrancando a bolca do povo até ao ultimo ceutil, e por ultimo deverá anunciar ao povo na folha official a banca rota, sendo o melhor system financeiro!

O sr. Brancamp fará questão ministerial da sua reforma administrativa — reaccionaria e retrogada — e obrigará os independentes a sancionar o despotismo em 1863 e sophismando o voto parlamentar transformará os passaportes em salvo-condutos!

O sr. Duque de Loulé, que tem feito de tudo; qñalidade de estadista, creará por economia faustuosas embaixadas, sob o influxo do seu prolongado somno, e consentirá, quando estiver acordado, que a cada passo sejamos humilhados pelas potencias estrangeiras, curvando-nos n'um dia diante das aguilas francezas, e rojando-nos no outro aos pés do Czar!

O sr. Gaspar Pereira, das justias, arvorará em systema o nepotismo e patronato, e cruciará a nação com as suas mal pensadas reformas!

A anarchia das praças, o tumultuar do poder, a corrupção, a immoralidade, o cynismo, a apostasia, e as cañias maçonicas tem sido em todas as épocas o programma constante do partido historico, e a repetição de actos que desvirtuem o systema liberal, será no futuro a sorte que nos espera.

Ahi fica traçado o caminho, que os sr. ministros, sustentados pelos torniquetes e asmodeos, tem trilhado no passado e no presente e, não-de seguir no futuro.

Obstineu-se em conservar as redes da governança publica, que talvez o ribombar do canhão lhe signifique, que o paiz deixou de ser indifferente a tantos desacertos.

Arrependam-se em quanto é tempo e não destruam o que tantos sacrificios nos tem custado.

Segundo referem os jornaes de Lisboa

foram retidos em Badajoz os exemplares de *Memoria sobre a vida politica e litteraria do D. Francisco Martinez de la Roza* do distincto academico o sr. Rebello da Silva, mandados pelos editores o srs. Silvas para Madrid e outras terras do reino visinho. Parece que esta obra foi prohibida em Hespanha: se isto for exacto, a imprensa hespanhola deve elucidar-nos a tal respeito.

A junta geral do districto de Lisboa reprova muitos dos actos do governo na consulta que lhe dirigio, e com especialidade a reforma administrativa do sr. Anselmo, a qual só poderá ser sustentada pela paixão partidaria, e pela cegueira de uma facção corrupta.

O sr. Brancamp continua a conservar funcionarios administrativos pronciados e sem fiança!

Na camara electiva continua a discussão do orçamento, e nas duas ultimas sessões, usou da palavra o sr. ministro da fazenda, que saindo fora das tendencias do seu caracter, foi no principio do seu discurso moderado na linguagem, e comedido na phrase, mas bem depressa esqueceu o logar que occupava transformando as suas considerações financeiras em uma verrina descabellada contra a opposição, que representada na pessoa do nosso primeiro financeiro o sr. Casal Ribeiro, tinha apreciado o estado da fazenda publica sob seus variados aspectos, não pelo prisma de paixão partidaria, mas á luz da verdade e dos factos sem exagerar o nossa situação que poderia ser modelada com tão negras cores.

Não nos apodaram de censores injustos, se dissermos que no discurso do sr. Lobo d'Avila alem das inexactidões financeiras, das censuras ao passado, e das recriminações, appareceram os doestos e as injurias contra a opposição. S. ex. sempre que usá da palavra não perde a occasião de declarar, que não cae por intimações de opposição, porque tendo apresentado medidas de grande alcance economico não devia largar o poder sem que ellas fossem traduzidas em leis, ou regeitadas pelo parlamento.

As reformas que o governo tem apresentado ou não tem, significado cousa alguma ou tem sido aliadas pelos meetings e pelos tumultos; por tanto os snrs. ministros estão resolvidos a resistirem a todas as tempestades parlamentares e a provocarem guerra civil para cairem em frente das bayonetas.

O sr. ministro da fazenda não admitindo em principio que se deva recorrer ao credito para estabelecer o equilibrio entre a receita e a despeza ordinaria do estado, entende que se deve recorrer ao imposto.

D'aqui tiramos nós um corollario, que em quanto se não inventarem novos impostos, o governo está disposto a augmentar já os existentes, porque ainda não dão tudo que podiam dar.

O sr. Lobo d'Avila leu á camara um telegrama de Londres, no qual o nosso agente financeiro lhe participava que os nossos fundos de 3 por cento estavam á 50, d'onde inferio o sr. ministro que a praça de Londres sabe apreciar a sua boa gerencia financeira, e tem uma grande confiança nas suas medidas.

Causa-nos asco e tedio o ver que o ministro da coroa em uma questão tão grave apresente d'estes augmentos para justificar os seus actos.

O facto da subida dos nossos fundos explica-se por causas extranhas ás qualidades financeiras do sr. Lobo d'Avila.

A abundancia de capitaes, que tem affluido á praça de Londres, procurando emprego d'onde possam auferir maiores lucros, preferem antes os novos titulos, que

comprados á 50 rendem 3% do que comprarem outros a 100 que rendam os mesmos 3 por cento; além d'isso o augmento da nossa riqueza publica e o desenvolvimento que não tendo as nossas linhas ferreas são as verdadeiras razões da subida dos nossos fundos.

Se avaliássemos a nossa situação pela cotação dos fundos, bem prospero estava Portugal em 1845, epocha em que as inscripções estavam a 70.

Por tanto o systema financeiro do nosso Gladstone reduz-se a augmentar os impostos, e a contrair no futuro anno economico um empréstimo que não será inferior a 3.500, contos e com este parecer está salvo o paiz da maior das crises que possa ser prevista pelos adversarios da situação, quesão os verdadeiros amigos do povo pelas ideas que sustentam no parlamento e na imprensa.

Os individuos não-de perder-nos e não as instituições.

Nos governos representativos não se pode ser ministro contra a opinião da nação e contra as maiorias dos corpos colegisladores; a rejeição d'estes principios pode inverter a ordem e a tranquillidade publica e abalar profundamente as bases, em que assenta a nossa constituição politica.

Houve no salão de D. Maria 2.º um concerto de muzica classica dado pelo sr. Daddi. Esteve muito pouco concorrido.

Segundo ouvimos dizer o capitão de um vapor inglez que chegou ás aguas do Tejo participou ter encontrado proximo ao cabo Espichel a fragata D. Fernando que vinha de Moçambique com cento e tantos dias de viagem, já sem mantimentos, e pedindo soccorros.

O vapor inglez ainda rebocou a fragata durante 4 horas, porem como tinha pouca força desamparou-a depois de lhe forbercer alguns mantimentos, e marchou em direcção ao nosso porto trazer-nos esta noticia pouco agradável, em consequencia do que marchou a corveta Sa da Bandeira para rebocar a fragata. Depois de uma pequena viagem a corveta regressou hontem sem ter encontrado a infeliz fragata, a qual parece ter sido impellida pelo vento para o estreito de Gibraltar.

Hontem saiu a Sagres o vapor Minello marchando um para o norte e outro para o sul em busca d'aquelle vaso.

Fazemos votos para que não seja infructifera a viagem, e possam salvar de naufragio a fragata D. Fernando.

Mais um acto de escandaloso patronato ministerial — O sr. ministro da marinha abriu no dia 5 do corrente praça para arrematar no dia 15 a construção da ponte de ferro no arsenal.

Parece que a ponte deve custar muitos contos, e sendo verdade é impossivel fazer planos de orçamento em 10 dias.

Consta-nos que é negocio feito com um engenheiro inglez. Que nos respondam as folhas de policia.

— Lê-se na «Correspondencia de Hespanha» do dia 8 do corrente:

«Escrevem de Sevilha, que El-rei D. Fernando de Portugal tinha chegado á quella capital hospedando-se no hotel de Madrid, depois de ter recusado a offerta que em nome dos snrs. duques de Montpensier lhe fez o mordomo do palacio de S. Telmo, e dos trens de SS. AA.

El-rei gilaria o mais rigoroso incognito, e visita tudo o que ha de mais notavel nas povoações. Na quarta feira esteve no theatro.

Hoje pela manhã, segundo se soube por um telegramma, saiu de Sevilha para Cordova el-rei viuvo de Portugal. Continua-se a crer que de Cordova irá a Granada, de Granada á Malaga, de Malaga á Alicante e d'alli a Aranjuez.

Nada se sabe com certeza acerca do itinerário que S. M. seguirá, nem quando chegará á residência actual da corte.

As inscrições de assentamento, com juros pagos do 1.º semestre de 1862, estão a 49,1/4 e 49,1/2.

Bolsa de Madrid em 9 de Maio 3 por cento consolidado 52, 60.

Bolsa de Paris em 29 de Maio 3 por cento francez 69, 40 — 4,1/2 dito 97, e 90.

Bolsa de Londres em 9 de Maio — consolidados 95 1,8 a 92 1,4.

## SECÇÃO NOTICIOSA.

**Aniversario natalicio.** — Quarta feira passada foi um dia de festiva gala para todos os catholicos. Completou nesse dia 71 annos o immortal e santo pontifice Pio 9.º

Nesse dia sahiram de todas as almas verdadeiramente catholicas remunerações gratulatorias ao Céo benéfico e bondoso, que conserva n'aquella adiantada idade o chefe visível da Igreja, a pezar das durissimas provações e martirios porquê o tem feito passar a tempestuosa onda revolucionaria.

Oxalá que nós possamos ainda por dilatados annos saudar em alvoroços de alegria intima este solemnisimo dia.

**E' bem entendido.** — Constanos que a commissão promotora do basar de prendas em beneficio do asylo resolvera ter bancos á disposição dos concorrentes ao sitio do leilão, mediante a modica esmola de 60 rs.

Foi uma feliz lembrança, pela qual se podem aproveitar alguns vintens para aquelle pio estabelecimento.

**Assassinato atroz.** — Quinta feira foi barbaramente assassinado na freguezia de S. Pedro d'Escudeiros um serrador de Santa Maria d'Airão. O assassino foi um brasileiro, com quem o assassinado tinha tido suas razões por cauza d'uma moça.

Pessoa que presenciou o facto contou-nol-o da seguinte maneira:

Havia n'esse dia em S. Pedro d'Escudeiros uma festa, á qual o serrador foi assistir. Quando a ronda estava para sair, o tal brasileiro vendo a conversar com o serrador a moça, por causa da qual andavam desavindos, principiou a agredil-o, do que o serrador se foi defendendo, mas com tanta infelicidade que em poucos minutos era cadaver, tendo levado umas nove facadas, algumas das quaes recebeu depois de morto.

O assassino fugio, mas foi depois prezo e trazido com as pernas e braços atados, em cima d'um carro.

**Lailão.** — Principiou 5.ª feira, como tinhamos annunciado, o leilão das prendas offerecidas em beneficio do asylo.

Em frente do palacete do Toural está levantado um bonito e vistoso pavilhão, no qual se apregoam e arrematam as prendas.

Na 5.ª feira arremataram-se bastantes, e algumas por preço bastante subido.

Hontem tambem se arremtaram algumas, não havendo menos animação nos lances.

O leilão foi principiado com bons auspícios, e promete produzir um bom resultado.

A's noites o palacete e o pavilhão estão vistosamente illuminados a lampiões de côres, o que faz um bonito effeito.

A muzica de Sande toca no meio do campo, onde se reune sempre um numeroso concurso de povo.

**Fallecimento.** — Falleceu pela 1 hora da noite d'hoje um filhinho do nosso amigo o ill.º sr. Manoel Antonio d'Almeida.

E' mais um anjo que vai cantar no céu os leuiores do Eterno.

**A Miguel Cervantes.** — A's 10 horas da manhã do dia 23 do Abril começou, na igreja das religiosas Trinitarias de Madrid, á solemnidade, que por disposição da real academia hespanhola, se celebra annualmente no dia do anniversario da morte de Miguel Cervantes Saavedra, em memoria de quantos cultivaram as letras hespanholas.

No centro da igreja, que estava ricamente forrada de preto, levantou-se um modesto tumulo, sobre o qual estava collocado o habito de S. Francisco, uma espada, uma coroa de louro e o unico exemplar que conserva a Academia da antiga edição que ella fez do *D. Quijote*.

Officiou o eminentissimo cardeal arcebispo de Sevilha, e assistiram o nuncio de Sua Santidade, o bispo de Puerto Victoria e o bispo de Sigienza, que foi quem pronunciou a oração fúnebre, perfeito trabalho que commoveu profundamente o auditorio. Estavam ainda presentes todos os socios da Academia, residentes na capital de Hespanha, os mais distinctos membros do clero hespanhol, o vigario de Madrid, os duques de Montpensier e de Osuna, e todas as celebridades litterarias e scientificas de Madrid, que occupam os logares principaes da igreja. Foi tal a concurrencia que muitas pessoas, convidadas para assistirem áquelle acto não poderam por modo algum entrar no templo.

No ponto mais visível da igreja lia-se esta inscrição «A Miguel de Cervantes e a quantos cultivaram a litteratura patria, a Real Academia Hespanhola». Em um rolo collocado em um das paredes lateraes eram mencionados os nomes illustres de Montiano, Rios Silva, Clemencin, Fernandez Navarrete, Arrieta e Quintana. Do outro lado lia-se: Carrasco, Jovellanos, Berguizas, Cienfuegos, Melendez, Bajamar, La Roca y Burgos.

Mereceu attenção a muzica queera excellente, os coros que foram magistralmente executados.

A cerimonia foi em tudo digna da respeitavel corporação e dos varões illustres cuja perda tem por fim commemorar.

O immortal Cervantes está na altura do respeito que lhes consagram os seus compatriotas de hoje; era um grande soldado, um peregrino escriptor e um dos mais profundos conhecedores do coração humano que tem visto o mundo. A incomparavel antithese de Quijote e de Sancho tem vencido os seculos, sendo sempre a mais perfeita imagem das sociedades que vai atravessando. E não só da sociedade, senão da vida. O que é de feito a existencia, senão essa eterna luta da cabeça do cavaleiro da Mancha com o inexoravel estomago do seo escudeiro?

(J. do Porto.)

**Troca de sexo.** — No hospital geral de Madrid falleceu ha dias um mancebo que desde a sua infancia usava de vestidos de mulher. Illudida tão bem, que servia como aia á filha do barão de Eroles, e esteve empregado no mesmo mister em diferentes casas distinctas.

Ultimamente este patusco vivia por sua conta e empregava-se como lavadeira.

N'uma disputa que teve ha poucos dias antes de morrer, com uma sua visinha, esta delatou-o no presença d'alguns agentes da policia, e parece que foi o desgosto descuberto e a vergonha que lhe causou, a causa da doença que o levou á eternidade.

(D. d'Acervo.)

**Duello mysterioso.** — No dia 14 teve lugar nas immedições de Raviez, cidade

do gran-ducado de Posen, um duello mysterioso. Quatro viajantes chegados no uem de Breslaw dirigiram-se para o lado do bosque visinho. Algum tempo depois voltaram só tres, que retomaram o caminho de Breslaw.

Na manhã seguinte appareceu no bosque um homem morto, com uma balla que lhe tinha atravessado o peito. Era um mancebo de uns 25 annos, com a barba toda, vestido com muito acao. Encontrou-se-lhe um passaporte polaco, mas evidentemente com um nome supposto.

A «Gazeta de Wovs» julga saber que a victima d'este duello é M. Estevão Bobrowski, membro do comite revolucionario de Varsovia.

Dizem uns que o seu adversario era um amigo de Mierolawki e outros que era um dos membros do partido hostil ás ideias democraticas.

(Idem)

**Como as mulheres animam a industria e o commercio.** — Sob esta epigrapha lê-se na «Correspondencia de Portugal» o seguinte:

«Um acreditado jornal estrangeiro da seguinte conta do commercio de crinolinas.

Fabricam-se annualmente 4:800 mil libras de arcos de aço para a França. 2:400:000 para Inglaterra e 1:200:000 para o resto do mundo.

Estes arcos são cobertos de um tecido de algodão e vende-se a 25 centimos a libra, o que dá uma importância media de 10:500:000 francos por anno ou 1,890\$:000 reis.

O algodão empregado vende-se a 30 francos 1:000 kilogramas, o que dá um total de 1.200:000 francos ou 216:000\$000.

Em presença d'estes esclarecimentos não haverá exaggeração em dizer que a moda da «crinoline» traz em movimento annual no mundo, uma somma não inferior a tres mil contos de reis fortes.

(Idem)

**Um alcaide esperto.** — Lê-se na «Epoca» em Madrid:

«Os habitantes de certa povoação queixaram-se ao alcaide de que o marchante recusava vender carne.

Chamado o marchante á presença do alcaide, disse que o fazia assim, porque não vendia n'um dia a rez que matava, e que assim se estragava com o calor a carne que ficava para o dia seguinte.

— Isso pôde arranjar-se perfeitamente — disse o alcaide. — Que é o que você costuma matar diariamente?

— Um boi.

— Desde hoje em diante matará meio boi n'um dia e creio no seguinte.

Era esperto!»

(Idem)

## AGRADECIMENTO.

**PENHORADISSIMO** quanto possivel, e com respeito mais profundo, agradeço infinito a todas as ex.ººs Senhoras e ill.ººs ex.ººs snrs. que se dignaram partilhar da minha tão justa dôr pela perda irreparavel que acabei de soffrer, deixando de possuir o meu querido, adorado, e sempre lembrado pae.

Protesto por este meio o mais constantemente reconhecimento, e pessoalmente cumprirei com o meu restricto dever.

Guimarães 30 d'Abril de 1863.  
Joaquim Albano Corrêa de Freitas Corte Real.

## ANNUNCIOS.

**PELO** Juizo de direito desta comarca, e cartorio de escrivão Freitas Costa correm editos de tres mezes a contar de 12 do corrente mez de Maio, a chamar em auctar o auzente em parte incerta Manoel Correia filho de José Correia de Oliveira Mendes e mulher D. Maria de Jesus Ferreira que foram d'esta Cidade, para que passados os ditos tres mezes compareça por si ou seu bastante procurador na 2.ª audiencia d'este mesmo Juizo, afim de fallar a artigos de habilitação por fallecimento de seus thios João Antonio Ferreira dos Santos, e José Ferreira dos Santos que foram d'esta mesma cidade, e a todos os seus termos até final, cujo incidente corre no inventario de seus avós, D. Roza Maria da Conceição, e marido Manoel José Ferreira dos Santos que foram d'esta Cidade, contra elle reo auzente e outros a requerimento de sua thia Thereza Amalia Gerales Ferreira autorisada por seu 2.º marido d'esta Cidade. (58)

**PELO** Juizo de Direito d'esta comarca, e cartorio de escrivão Loureiro, correm editos de 30 dias a chamar quaesquer pessoas que se julgarem com direito ao campo de Agra, na freguezia de Ronfe, ou á quantia de 200\$000 rs. em deposito, a requerimento dos compradores João José de Magalhães e mulher, e cujo campo foi vendido por José Antonio Machado e mulher da mesma freguezia, aos ditos compradores. Correm desde 20 de Abril passado. (57)

## MASTIG OSTURATEUR

Gutta-percha silicate.

JOSÉ ROUFFE

RUA DOS MERCADORES. — HOTEL PORTUENSE

Cirurgião dentista.

Uma das melhores invenções que até hoje se tem feito? a Gutta-percha silicate tem a virtude que não se encontra em nenhuma classe de metal. O dente chumbado ou obdurado é da mesma cor do natural, ea operação faz-se sem experimentar dôr, não cae nunca e preserva os outros dentes.

José Rouffe tem um grande sortimento de dentes minerais de todos os preços, a qualidade garante, elixir de Boto muito famoso por suas excellentes qualidades para diferentes enfermidades como escorbuto, aftes, e dentes abalados etc. etc. Igualmente dentaduras de todas as qualidades. (55)

## THEATRO DE D. A. H.

QUINTA FEIRA 21 DE MAIO.

Beneficio dos actores — Ferreiras.

Subirá á scena um variado espectáculo, digno da attenção publica e composto do seguinte:

—Um excellent drama em 3 actos.

—Um monologo de gratidão aos Guimarãesenses, recitado por um dos beneficiados.

—Uma engracada comedia em um acto, ornada de musica.

Tomam parte no espectáculo alguns curiosos desta terra, que do melhor grado se prestaram a coadjuvar os beneficiados assim como uma menina de 7 annos, que vai fazer no drama um interessante papel.

Principiará as 9 horas.

N. B. Os preços são os ordinarios nas recitas.

GUIMARÃES — TYPOGRAPHIA DA RELIGIÃO E PÁTRIA. — PRAÇA DA OLIVEIRA N.º 16.